

alcoólico, aproximar-se futuramente dos resultados práticos obtidos há tantas décadas, através da fermentação aeróbica de carboidratos obtidos diretamente (caldo de cana, p. ex) aquela seria mais outra opção econômica para os resíduos agroindustriais produzidos em grande volume pelo Brasil.

Muito embora a ênfase do trabalho esteja direcionada sobre os aspectos de produção de biomassa, estuda outros aspectos diversificados pertinentes. A invenção e desenvolvimento dos motores a explosão interna desde Nikolaus Augustus Otto até Marcus, Benz, Daimler e Ringelman é afluída, destacando-se já existir, àquela época (1890), dúvidas entre as conveniências do álcool ou da gasolina. Ringelman, inclusive, é hoje mundialmente conhecido no âmbito da luta contra a poluição, devido à escala que leva o seu nome, destinada ao controle dos efluentes atmosféricos, particulares ao ciclo Diesel. A complexidade de interesses envolvida na produção/consumo de combustíveis vai se delineando — ainda que de forma longínqua — estendendo-se também ao setor de fertilizantes, face às opções levantadas por Barreto de Menezes, para o restilo (calda, vinhoto ou vinhaca).

Sem omitir uma referência sumária aos efeitos sócio-econômicos do PRO-ÁLCOOL, embora não se aprofunde nos problemas da concentração fundiária e sazonalidade da mão-de-obra, a amplitude de vistas — quando não de perspectivas — do autor, e os objetivos do trabalho, bem lhe creditam os foros de "... literatura compacta, elaborada em uma justa medida". Trata-se de livro importante para a compreensão dos problemas e possibilidades nacionais.

FREYRE, Gilberto. *Oh de Casa!* Rio de Janeiro, Artenova; Recife, IJNPS, 1979. 186 p.

Maximiano Campos *

Esse livro de Gilberto Freyre, o próprio autor confessa, é uma tentativa de síntese dos seus grandes ensaios sobre a formação cultural brasileira.

Grande é a sua importância não apenas pelo que nele é a intenção manifesta do autor, mas no que é realização eficaz de um estudo com uma abordagem interdisciplinar de assunto tão aliciante quanto o da relação do homem com a

*Escritor - Assessor da Fundação Joaquim Nabuco

casa. Uma relação que segundo Gilberto Freyre "é para o analista desse aspecto do complexo quase o que é a relação do homem com o ventre materno, o ventre gerador, o abrigo do útero, para o psicanalista.

Da análise em profundidade de um tipo nacional ou regional de casa mais absorvente não pode estar ausente a psicanálise pelo que ela hoje tem de sociologicamente válido ou valente: validade ou valência desenvolvida mais pelos psicanalistas de Londres que pelos de Viena.

Se nem de auto-análise nem de psicanálise pode prescindir o analista de um tipo nacional ou regional de casa, tampouco pode prescindir dessas abordagens psicológicas, complementares das antropológicas, das sociológicas, das ecológicas, aquele que se aventura a síntese de tal assunto. A uma síntese do complexo 'casa brasileira' "

O filósofo francês Gaston Bachelard, autor de *A Poética do Espaço*, declara o seu propósito ao escrever esse notável ensaio: "Nosso objetivo está claro agora: é necessário mostrar que a casa é um dos maiores poderes de integração para os pensamentos, as lembranças e os sonhos do homem". Também afirma: "Pois a casa é nosso canto do mundo. Ela é, como se diz freqüentemente, nosso primeiro universo. É um verdadeiro cosmos. Um cosmos em toda a acepção do termo. Até a mais modesta habitação, vista intimamente, é bela". É, ainda, Bachelard quem diz: "Psicologia descritiva, psicologia das profundidades, psicanálise e fenomenologia poderiam, com a casa, constituir esse corpo de doutrinas que designamos de topoanálise". E mais adiante: "A topoanálise seria então o estudo psicológico sistemático dos lugares físicos de nossa vida íntima. No teatro do passado que é a nossa memória, o cenário mantém os personagens em seu papel dominante".

Gilberto Freyre, ao estudar a relação entre o homem e a casa, foi além de uma topoanálise, desde que estudou a casa não apenas sob o ângulo de visão obtido através da Psicologia, mas da Sociologia, da Antropologia, da História Social. Sabe-se que ele, estudando a casa-grande e a senzala, o sobrado e o mocambo, a casa de porta e janela, a habitação e os seus arredores; o engenho ou a fazenda, o quintal, o mangue, a rua, abriu inusitados caminhos para a compreensão do homem brasileiro.

O autor de *Oh de Casa!* insiste numa tese que vem defendendo em vários dos seus ensaios: a necessidade da integração das três engenharias: a "Física", a "Humana" e a "Social". Entende que as casas, à semelhança das pessoas, podem e até devem ter as suas biografias. Ressalta as virtudes ecológicas dos mocambos quando devidamente higienizados e faz, em diversas páginas, História Social do

melhor quilate. Não se trata apenas de um livro de cientista social, é um livro de escritor. De escritor, de estilista inconfundível no seu modo personalíssimo de escrever.

Gilberto Freyre não é apenas um engenheiro das palavras, é também um arquiteto unindo funcionalidade e beleza no seu modo de dizer, de revelar os seus conhecimentos, as suas intuições sobre os assuntos da sua predileção. É escritor fortemente autobiográfico. A reunião de todos os seus ensaios, e não apenas *Casa-Grande & Senzala*, parece ser uma espécie de tentativa de autobiografia coletiva de uma época e de um povo. Isto já foi salientado por alguns críticos da obra gilbertiana, da qual há quem discorde. Existem os que não aceitam o cientista social, criticando-o a partir de uma visão marcadamente política e ideológica. Durante o Estado Novo foi acusado de agitador e comunista. Após 1964, acusam-no de conservador e reacionário. Mas nem esses podem negar as qualidades do escritor, tão escritor quanto Euclides da Cunha, Guimarães Rosa e Ariano Suassuna, que insuflaram, aos seus modos, um poderoso sopro de renovação à literatura brasileira. Há os que, mesmo discordando da visão política do autor de *Casa-Grande & Senzala*, não se deixaram levar por uma crítica mesquinhamente sectária, negando completamente a sua vastíssima e importante obra de escritor. Astrogildo Pereira, renomado escritor e pensador marxista, no seu artigo *Simple Opinião Sobre Casa-Grande & Senzala*, declarou: "Reli todo o livro agora, minuciosamente, com semelhante e até mais apurado gosto de leitura. Confirmação total da primeira impressão: agora, como há 25 anos, o que nos prende imediatamente em *Casa-Grande & Senzala* é a sua qualidade literária, a sua qualidade de obra de arte. Podemos discordar da filosofia que inspira o trabalho do autor, podemos recusar a metodologia seguida em suas pesquisas, podemos também rejeitar muitas de suas interpretações; mas o que não podemos é fugir à sedução do escritor, do criador de novas formas de expressão, inclusive pela coragem — uma coragem o seu tanto voluptuosa — com que ele dá categoria literária a muita palavra vulgar, dessas que os dicionários averbam sob a ressalva de plebeísmo ou chulismos. É natural que muita gente gramatiquera não havia de gostar, nem goste, e que puristas secos e intransigentes tomassem e tomem a si as dores da senhora Rotina violentada a cada página. Mas era forçoso reconhecer a tremenda força renovadora do escritor, suas experiências e audácias estilísticas, sugeridas pela combinação de estudos clássicos com mergulhos revolucionários nas profundezas do linguajar popular — de tudo isso resultando uma escrita nova, pessoal, anti-retórica, antioratória, antigramatiquista, um português de saboroso gosto tropical, por vezes com algum molho inglês sabiamente dosado".

Darcy Ribeiro, recentemente, escreveu notável e lúcido prefácio para uma edição venezuelana de *Casa-Grande & Senzala* e, mesmo declarando algumas das suas divergências com Gilberto Freyre, afirma com verve e humor: "Gilberto

Freyre tem uma característica que simpatizo muito. Como eu, ele gosta que se enrosca de si mesmo. Saboreia elogios como a bombons, confessa". Mais adiante, não esconde a sua admiração: "Abro este ensaio com tão grandes palavras porque, muito a contragosto, tenho que entrar no cordão dos louvadores. Gilberto Freyre escreveu, de fato, a obra mais importante da cultura brasileira.

Com efeito, *Casa-Grande & Senzala* é o maior dos livros brasileiros e o mais brasileiro dos ensaios que escrevemos'.

Muitos outros escritores, com visões políticas diferentes da de Gilberto Freyre, não negam o criador literário que ele é, não deixam de reconhecer o que nele é mais permanente: o grande escritor, o irredutível escritor.

Mesmo sem ser político — no sentido de pertencer a partidos ou organizações políticas — estou entre aqueles que, discordando de algumas opiniões de Gilberto Freyre sobre pessoas ou situações brasileiras, não deixam de considerá-lo autor de uma obra da maior importância para a compreensão do Brasil, para um melhor entendimento do que foi o madrugal, a infância do nosso país.

Ninguém pode escrever criadoramente se no que escreve não há algo de uma supra-verdade, ou a verdade dos assinalados pelos duendes que acompanham os grandes criadores em literatura — que materializam sonhos em palavras e são capazes da magia de transformar palavras em sonhos — captando um "real mais verdadeiro que a própria realidade". É conhecida a confissão de Dostoiévski: "Gosto do realismo, um realismo beirando ao fantástico. O que para os outros é o fantástico, para mim constitui mesmo a essência da realidade". E nenhum romancista conseguiu desvendar os subterrâneos da alma humana mais do que esse russo genial.

O que existe de sedutoramente feminino na casa, transparece nos notáveis versos de "A mulher e a Casa", admirável poema do também pernambucano João Cabral de Melo Neto. A casa com seus mistérios e belezas para serem descobertos e possuídos, ninho e abrigo, não apenas mera construção de barro, madeira, palha, cimento, pedra e cal. A casa que simboliza permanência, diferentemente das estradas que levam às aventuras dos caminhos, ao transitório das viagens.

Gilberto Freyre chama a atenção para a necessidade de um estudo sobre a importância da casa na personalidade de brasileiros ilustres: "Um estudo a fazer-se, no Brasil, à margem das biografias dos brasileiros mais ilustres como figuras representativas de uma cultura ou um ethos nacional, é o da correlação dos traços mais característicos de suas personalidades — através de atos praticados

como políticos, de atitudes assumidas como homens públicos, de temas destacados em suas obras literárias ou sociológicas ou em suas criações artísticas, de iniciativa ou de ações como militares, de arrojados em que se extremaram como revolucionários, de virtudes em que se salientaram como religiosos — com os diferentes tipos sociais e regionais de casa em que nasceram ou se criaram”.

Num dos capítulos de *Oh de Casa!*, que é trecho de ensaio que aparece na íntegra no livro *Alhos & Bugalhos*, sobre Eça de Queiroz e Ramalho Ortigão, ele argutamente observa que: “De Eça não nos esqueçamos de que o melhor e maior dos seus romances é a história de uma casa de portugueses afidalgada: O Ramalhete. A casa é o personagem principal do romance. Os homens passam pelas páginas do livro a que dão o nome, em função da casa dramática que reúne vivos e mortos, homens e paisagens, a terra e o mar”.

O mesmo talvez possa ser dito do sobrado dos Cambarás, no “romanceiro” *O Tempo e o Vento*, de Érico Veríssimo. De algumas casas dos contos de Edgar Allan Poe; daquela casa povoada de recordações e perdida nas charnecas da Inglaterra, do mais que admirável *O Morro dos Ventos Uivantes*, de Emily Bronte. De muitas outras casas que aparecem em outros romances, inclusive a velha casa-grande do Santa-Fé, em *Fogo-Morto* — da autoria de José Lins do Rego, que confessou tantas vezes haver recebido forte influência de Gilberto Freyre na sua obra de escritor — uma das obras-primas do romance brasileiro em todos os tempos.

Trata-se, sem dúvida, de um livro, esse *Oh de Casa!*, da maior importância para engenheiros, arquitetos, administradores, psicólogos, urbanistas, cientistas sociais, escritores e leitores que admirem um livro que, sem deixar de ser de ciência, é notavelmente bem escrito. Nele, o autor trata de uma temática que é tão sua, tão presente na sua vastíssima obra de escritor.

MENESES, Cláudia. *A mudança: análise da ideologia de um grupo de migrantes*. Rio de Janeiro, Imago; Brasília, INL, 1976. 135 p.

João Hélio Mendonça
Antropólogo

O trabalho de Cláudia Menezes, *A Mudança*, é mais uma tese do Programa de Pós-graduação em Antropologia Social do Museu Nacional, publicado em con-